

A Misericórdia como alteridade¹

Thiago De Moliner Eufrásio*

“Jesus é o rosto da misericórdia do Pai” (MV 1), escreve o Papa Francisco na Bula *Misericordiae Vultus*. Ao exortar os cristãos e as cristãs no início do ano Jubilar da Misericórdia, o Papa Francisco convida a contemplar o rosto de Jesus Cristo, descobrindo nele o mistério da Misericórdia (MV 2). Esta afirmação me fez lembrar a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Ecclesia in America*, do Papa são João Paulo II, onde se pode ler: “a Igreja na América deve falar cada vez mais de Jesus Cristo, rosto humano de Deus e rosto divino do homem.” (EA 67). Ao afirmar isto, o Papa apontava para a necessidade de um encontro pessoal com Jesus Cristo, fonte da ação evangelizadora.

Falar em rosto é falar em *um-outro*, é falar em encontro e diálogo. A misericórdia contemplada no rosto de Jesus Cristo, diz o Papa Francisco, é revelação do mistério da Santíssima Trindade (Cf. MV 2). Portanto, abrir-se à misericórdia é participar de um mistério de relação. Por isso misericórdia supõe encontro e relação, abertura, acolhimento e hospitalidade.

Os inúmeros desencontros que acontecem na vida humana apontam cada vez mais para a necessidade e a urgência da misericórdia vivida como encontro. A realidade pastoral mostra que o ser humano não sofre apenas pelo pecado cometido, mas, também, em decorrência disto, pelas consequências destes mesmos pecados que o confinam na solidão de quem se pretendeu autossuficiente. Catherine Charlier, comentando a alteridade segundo Levinas, diz que, “toda existência solicita o perdão, quer dizer, a graça de uma orientação que lhe permita sair da solidão do ser” (*Levinas e a utopia do humano*, 1993, p. 51).

* Mestre em Teologia Sistemática (2016), PUC-RS, Porto Alegre. Bacharel em Filosofia (2004), UNIFEBE, Brusque. Professor de Teologia na Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC).

¹ Artigo publicado em 05 de maio de 2016 na edição semanal (ed. port.) do jornal *L'Osservatore Romano*.



Nessa perspectiva se pode dizer que o ser humano é um ser histórico e se a história é humana, como propunha Von Balthasar na obra *Il tutto nel frammento*, então a misericórdia como alteridade tem a existência como lugar privilegiado de sua manifestação. Ela supõe um *Eu* e um *Tu* como caminho para o verdadeiro Nós – expressão de comunhão, e por isso, manifestação do mistério trinitário. Não é, portanto, uma atitude meramente formalista, desconectada e descomprometida com o outro. Pelo contrário, resgatá-lo da solidão insere este novo *Nós* na dinâmica trinitária onde se pode afirmar como propusera Levinas: “a relação com outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziarme, descobrindo-me possibilidades sempre novas”. (*Humanismo do outro homem*, 1993, p. 56).

Assim podemos compreender a misericórdia de Deus que vem ao nosso encontro em Jesus Cristo não apenas como um *salvar de*, mas se estende a um *salvar para*. Esta alteridade divina que chama o ser humano a participar de sua vida o reconfigura e manifesta, segundo Ratzinger, que a essência cristã “consiste em aceitar e viver a existência como relacionalidade, para entrar dessa maneira naquela unidade que é a base que sustenta toda a realidade.” (*Introdução ao cristianismo*, 2009, p. 140). O rosto do outro, expressão da misericórdia trinitária revelada em Jesus Cristo, faz com que nos sintamos corresponsáveis num círculo que tende a se alargar cada vez mais.

Essa corresponsabilidade é expressa pelo Senhor nos seguintes termos: “Tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e vieste ver-me” (*Mt 25, 35-37*). Esta passagem ilustra de modo magistral que o rosto de Jesus Cristo e o rosto humano se entrelaçam fazendo do encontro humano expressão da misericórdia de Deus e sua alteridade. Ratzinger, em *Introdução ao Cristianismo* é quem afirma: “Deus só quer chegar ao ser humano pelo ser humano; ele procura o ser humano inserido no meio de seus semelhantes” (*Introdução ao cristianismo*, 2009, p. 69).

Creio ser esta a consciência que levou os bispos da América Latina e do Caribe, reunidos na Conferência de Aparecida a dizerem: “fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de



HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem-terra e mineiros” (DAp 402).

Por fim, se pode dizer que nisso se constitui o seguimento de Cristo, afinal, “ele morreu por todos a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles” (II^{Cor} 5,15), rompendo, assim, a experiência do ser fechado sobre si, que não seria “a de uma felicidade, mas a da asfixia e do abandono” (*Levinas e a utopia do humano*, 1993, p. 48). A alteridade é, portanto, aspecto fundamental para o sentido da vida manifestado em Cristo, rosto da misericórdia.

E-mail do autor:

thiago.eufrasio@facasc.edu.br